

REMIDIAÇÃO, MULTIMODALIDADE E HIPERMODALIDADE: UMA ANÁLISE CONTRASTIVA ENTRE "AN INCONVENIENT TRUTH" E "OUR CHOICE"¹

REMEDICATION, MULTIMODALITY AND HYPERMODALITY: A CONTRASTIVE ANALYSIS BETWEEN "AN INCONVENIENT TRUTH" AND "OUR CHOICE"

Elis Nazar N. Siqueira²
Mestra em Linguística Aplicada
Universidade Estadual de Campinas
(elisnns@gmail.com)

RESUMO: Este artigo tem como objetivo apresentar uma análise contrastiva entre os conteúdos e as linguagens utilizados em duas produções midiáticas afins: o documentário "An Inconvenient Truth" e o livro digital "Our Choice". Como aporte teórico, são utilizadas as teorias a respeito de sistema de mídias, remediação, multimodalidade e hipermodalidade e, metodologicamente, a pesquisa se apoia em análises de base qualitativo-interpretativa, na perspectiva de análise do dado visual de Banks (2009) e no uso do *software* ELAN. Os resultados das análises apontam, primeiramente, para uma relação de coexistência e complementação midiática entre os dois objetos. Mais especificamente, discussões relacionadas a questões numéricas e técnicas foram abordadas, no livro digital, a partir da valorização da interatividade, enquanto, no documentário, foram tratadas sem aprofundamentos de dados; já no caso de discussões sociopolíticas ou pessoais, no livro digital, foram priorizados os textos verbais escritos, enquanto, no documentário, a sobreposição de linguagens e a dramaticidade foram recursos salientes.

Palavras-chave: Remediação. Multimodalidade. Hipermodalidade. Our Choice. An Inconvenient Truth.

ABSTRACT: This paper aims to present a contrastive analysis between the contents and languages used in two related media productions: the documentary film "An Inconvenient Truth" and the digital book "Our Choice". As a theoretical contribution, theories regarding media system, remediation, multimodality and hypermodality were used, and methodologically the research relied on analysis of qualitative-interpretative basis, from the perspective of visual data analysis (Banks, 2009) and on the use of ELAN software. The results show a relation of coexistence and media complementation between the two objects. More specifically, discussions related to numerical and technical issues were addressed in the digital book, based on interactivity appreciation, while in the documentary film they were handled without data depth; regarding sociopolitical or personal discussions, the digital book prioritized the written verbal texts, while in the documentary film the overlapping of language and drama were an evident resource.

Keywords: Remediation. Multimodality. Hypermodality. Our Choice. An Inconvenient Truth.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

² Doutoranda em Linguística Aplicada (Linguagem e Sociedade) no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL/UNICAMP).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8899-0883>.

Introdução

A revolução tecnológica alcançada pelos computadores foi intensificada pela *internet*, que, como observa Braga (2013, p. 40), “passa a ser uma demanda social e não uma mera ‘opção’”. Com a *internet*, as potencialidades e as funções dos produtos são ampliadas e inovações são alcançados e lançadas no mercado com frequência. Diante desse contexto, é comum surgirem previsões fatalistas em relação às mídias e às práticas que as envolvem, como, por exemplo, ideias de que o computador extinguirá a escrita, ou de que os livros digitais excluirão os livros impressos.

Entretanto, restringir as relações das mídias aos casos de exclusão significa reduzir a complexidade dos processos, pois, como defendem Briggs e Burke (2004), é preciso enxergar as mídias como um sistema, no qual podem ocorrer dois movimentos: aqueles em que mídias competem e se anulam e aqueles em que as mídias se complementam e coexistem. Os autores explicam que

pensar em termos de um sistema de mídia significa enfatizar a divisão de trabalho entre os diferentes meios de comunicação, disponíveis em um certo lugar e em um determinado tempo, sem esquecer que a velha e a nova mídia podem e realmente coexistem, e que diferentes meios de comunicação podem competir entre si ou imitar um ao outro, bem como se complementar (BRIGGS E BURKE, 2004, p. 31).

Assim, por terem papéis distintos, muitas mídias não competem visando a se substituírem, mas, sim, coexistem e, por isso, complementam-se. Logo, enxergar as mídias como componentes de uma extensa e complexa rede é fundamental para compreender suas estratégias de difusão de conteúdos e suas formas de referência. Para analisar essas relações, é preciso atentar-se, então, aos recursos expressivos que cada mídia utiliza, pois o modo como veiculam seus conteúdos é reflexo das influências que sofrem de outras mídias e, simultaneamente, reflete seus próprios percursos e estratégias de manutenção. Como apontam Briggs e Burke (2004, p. 42), “uma história da comunicação não pode negligenciar os meios linguísticos pelos quais acontece a comunicação”.

Desse modo, com base na teoria da remediação de Bolter e Grusin (2000) e considerando alguns dos estudos sobre multimodalidade e hipermodalidade (LEMKE, 2002; BRAGA, 2010, 2013; GOMES, 2011), este trabalho busca compreender as características das adaptações linguísticas e temáticas decorrentes do processo de remediação entre um documentário, "An Inconvenient Truth" (2006), e um livro digital,

"Our Choice" (2009). Essas duas mídias apresentam como temática central as questões relativas ao aquecimento global e, por uma produção ser derivada da outra, têm elementos comuns no que diz respeito aos recortes, dados e argumentos apresentados, ao mesmo tempo em que, por outro lado, devido às particularidades de seus suportes, suas construções refletem escolhas autorais distintas.

Remediação, imediação e hipermediação

Para compreender as questões linguísticas inerentes às relações estabelecidas dentro do sistema de mídias, a teoria da remediação traz importantes contribuições. Um texto, ao migrar de uma mídia para outra, processa adaptações e mudanças as quais os teóricos Jay Bolter e Richard Grusin (2000) denominaram como remediação. Segundo esses autores, a remediação consiste no movimento de referenciação e renovação de uma mídia diante de outras. Nessa lógica, então, as mídias mais novas têm seus modos de reformular as antigas, enquanto as antigas se reformulam para responder as novas, sempre tentando oferecer uma experiência real e autêntica a seus consumidores (BOLTER; GRUSIN, 2000). Segundo os autores,

todas as mídias existentes funcionam como remediadoras e essa remediação nos fornece meios de interpretar o funcionamento das mídias anteriores. Nossa cultura conceitua cada mídia ou conjunto de mídias a partir do modo como respondem, reorganizam, competem e reconfiguram outras mídias. A princípio, podemos pensar em algo como uma progressão histórica, novas mídias remediando as antigas e, particularmente, mídias digitais remediando suas predecessoras. Mas se trata de uma genealogia de afiliações, não de uma história linear e, nessa genealogia, mídias antigas também remediam as novas (BOLTER; GRUSIN, 2000, p. 55).

Desse modo, os movimentos de referenciação das mídias são norteados por seus *affordances*³, isto é, pelas funcionalidades específicas de cada mídia. De acordo com os *affordances* que cada suporte oferece, os conteúdos se ajustam, perdendo ou ganhando elementos e ampliando a “diversidade das significações de um ‘mesmo’ texto quando mudam suas modalidades de difusão” (CHARTIER, 1998, p. 73).

³ O termo *affordances* tem difícil tradução para a língua portuguesa; já foi traduzido como “propriações”, “possibilidades” e “recursos” e se refere à relação entre pessoa, objeto e o que se pode fazer com esse objeto.

A remediação acontece por meio de uma lógica ambivalente e paradoxal, polarizada por Bolter e Grusin (2000) pelos conceitos de hipermídiação e imediação. As relações de imediação são, para os autores, as que buscam apagar o fator midiático da experiência, tornando-a mais natural e real, enquanto as relações hipermidiadas são as que exploram intensamente as potencialidades tecnológicas das mídias. O paradoxo se constitui a partir da fusão inevitável desses dois polos, entre os quais as mídias oscilam: ao buscarem a transparência, o apagamento da mídia e da mediação, necessariamente intensificam o uso dos recursos tecnológicos, tornando a situação hipermidiada; e, ao aprofundarem demasiadamente suas possibilidades, estabelecendo um cenário hipermidiado, acabam vislumbrando um resultado mais próximo de uma experiência real, ou seja, imediada.

O paradoxo da remediação não é condição restrita às mídias contemporâneas, pois “todas elas buscam colocar o observador no mesmo lugar em que os objetos observados” (BOLTER; GRUSIN, 2000, p. 11). Isso inclui, por exemplo, os desenhos em perspectiva, marca do Renascimento Europeu, cujos traços eram potencializados de forma a explorar as técnicas de desenho, em busca de alcançar aspectos mais naturais e reais. Atualmente, porém, os exemplos são mais constantes, devido ao aumento de recursos e tecnologias que sustentam esse paradoxo. O cinema em terceira dimensão que, buscando proporcionar ao espectador uma experiência mais próxima da realidade, reforça as potencialidades da imagem e do som e, ainda, inclui outros recursos - como os óculos, necessários à experiência, é uma interessante ilustração do processo, pois, pela tentativa de imediação, intensifica o uso dos recursos que configuram a hipermídiação.

Nessa perspectiva, pode-se observar as interfaces dos computadores que se configuram baseadas na metáfora do escritório (SIGNORINI; CAVALCANTI, 2010), “supostamente para assimilar o computador com o ambiente de trabalho físico e os materiais (pastas de arquivos, folhas de papel, caixa de entrada, cesta de lixo, etc)” (BOLTER; GRUSIN, 2000, p. 23). Assim, essas interfaces, ao buscarem uma aproximação com objetos reais, familiares aos usuários, exploram suas potencialidades tecnológicas, de forma a configurar, simultaneamente, processos de imediação e hipermídiação.

Não se pode, porém, pensar nesses processos sem considerar as linguagens que deles fazem parte. Assim, é necessário compreender como a multimodalidade e

a hipermodalidade são utilizadas nas construções de sentido, bem como seus potenciais de interatividade. A multimodalidade não é exclusividade da sociedade contemporânea ou dos ambientes digitais. Muitas mídias impressas, como jornais, revistas e livros, historicamente utilizam mais de uma linguagem para construir conteúdos e sentidos. Como explica Lemke (2002, p. 303),

a linguagem e a representação visual coevoluiram cultural e historicamente para complementar e suplementar uma à outra, para serem coordenadas e integradas. [...] Apenas os puristas e os gêneros purísticos insistem na separação ou na monomodalidade. Na prática normal da significação por seres humanos, essas linguagens estão inseparavelmente integradas na maioria das ocasiões.

Essa integração, segundo o autor, não consiste em uma mera justaposição de elementos, mas, sim, em um tecido mais complexo, que promove e considera múltiplas conexões, afinal, uma combinação imagem-texto é mais específica do que um texto ou uma imagem isolados, pois, somente em uma tradição cultural em que texto e imagens fossem completamente redundantes, existiria uma imagem cuja associação fosse restrita a um único texto, anulando, assim, o modo multiplicativo das possíveis combinações (LEMKE, 2002). Diante disso,

em produções multimodais as possibilidades de construção de sentido se ampliam; os diferentes tipos de significado veiculados por cada modalidade individual integram-se e se complementam de forma a auxiliar a interpretação geral ou a de segmentos particulares do texto. (BRAGA, 2010, p. 182)

Ao se atrelar conexões estabelecidas por *links* a essa enorme multiplicidade de sentidos e combinações já existentes, isto é, ao se transformar um texto multimodal em um texto hipermodal, as possibilidades de autoria e de interpretação se tornam ainda mais amplas. Como define Braga (2010), um texto hipermodal relaciona, por meio de hiperlinks, estruturas linguísticas diversas - compostas por textos verbais, sons e imagens, por exemplo, e, desse modo, produz possibilidades de interpretação ainda mais amplas do que aquelas realizadas sobre textos multimodais.

Considerando dessas orientações, a próxima seção apresenta os objetos analisados e os respectivos procedimentos metodológicos nos quais esta pesquisa se apoia.

Objetos analisados e percursos metodológicos

A produção midiática propaga e reflete, concomitantemente, a busca por títulos que alcancem a versatilidade dos consumidores atuais (MARTINS; MACHADO, 2011). Entre esses fenômenos, a circulação de conteúdos entre “o espaço livreiro e cinematográfico” (MARTINS; MACHADO, 2011, p. 31) é central neste estudo, já que esta pesquisa se concentra em um documentário e um livro digital.

Em 2006, foi lançado o documentário “An Inconvenient Truth”, sob direção de Davis Guggenheim, produzido e distribuído pela Paramount Pictures. Com cerca de 100 minutos, o documentário apresenta como protagonista Albert Arnold Gore Jr. (Al Gore), famoso político norte-americano do partido democrata que ocupou a vice-presidência do país entre 1993 e 2001 e disputou a acirrada campanha eleitoral de 2000 contra George W. Bush. Embora a carreira de Al Gore sempre tenha estado próxima de discussões jornalísticas e ecológicas, foi após a derrota de 2000 que seu foco se direcionou ainda mais às questões do meio ambiente. Devido ao sucesso das palestras ministradas por Al Gore, surgiu a ideia de produzir um documentário. A produção foi contemplada com duas premiações do Oscar (Melhor Documentário e Melhor Canção Original) e teve grande sucesso nas bilheterias. Depois, o filme foi disponibilizado em DVD e, hoje, está também disponível *online*, em *sites* como YouTube e Vimeo. Em relação ao seu conteúdo e às previsões e dados apresentados por Al Gore, existem diversas críticas. Alguns especialistas acusam a produção de ser muito fatalista e de conter informações inverídicas. Porém, ainda hoje, o documentário é citado como referência sobre os temas que envolvem o aquecimento global e está presente no currículo de diversas escolas do Brasil e do mundo.

Existem, no filme, diversos textos verbais e não verbais: a narração e a apresentação de Al Gore são intercaladas ou sobrepostas a fotografias, animações, gráficos, trilhas sonoras *etc.*, linguagens sobre as quais o espectador realiza estratégias interpretativas. Nesse sentido, é preciso considerar que, como afirma Lemke (2010, p. 458),

toda vez em que construímos significado durante a leitura de um texto ou interpretação de um gráfico ou figura, nós o fazemos através da conexão dos símbolos à mão com outras imagens lidas, ouvidas, vistas ou imaginadas em outras ocasiões.

Logo, por realizar essas estratégias e conexões, assistir a “An Inconvenient Truth” não caracteriza uma atividade passiva. Ainda assim, devido ao formato típico do gênero documentário e aos *affordances* dessa mídia, assistir ao filme de Al Gore não pressupõe a realização de intervenções diretas nos conteúdos, nem possibilidades de interação além da própria interpretação. Considerando, então, a presença das diversas linguagens em “An Inconvenient Truth” e a forma como a relação entre leitor-texto é estabelecida nessa mídia, o documentário de Al Gore configura-se como um texto multimodal.

Disso, então, nasce a distinção central entre o documentário e a outra mídia analisada neste trabalho, o livro digital “Our Choice”, que recupera algumas das temáticas já discutidas no documentário, tais como o derretimento de calotas polares, a emissão de gases poluentes e os hábitos das sociedades globalizadas que agravam os problemas climáticos. No entanto, as linguagens e os recursos utilizados para tratar de cada tema no livro digital nem sempre coincidem com aqueles escolhidos pelo documentário, já que o material é considerado um texto hipermodal, com hiperlinks que conectam textos verbais, imagens, vídeos e jogos interativos.

“Our Choice” foi lançado em 2011, pela Melcher Media Inc. e pela Push Pop Press, no formato de aplicativo para dispositivos Apple, compatível com iPods Touch, iPhones e iPads; o *download* é realizado pela iTunes Store, pelo preço aproximado de dois dólares. O material foi pensado especificamente para iPads, um *tablet* multifuncional que não cumpre apenas com as funções de um *e-reader* comum, como, também, é um suporte com ferramentas e recursos como câmera fotográfica e filmadora, gravador de voz e acesso à *internet* (PROCÓPIO, 2010). Por sua estrutura, o aplicativo de Al Gore permite e exige que os leitores desempenhem um papel bastante interativo, o qual norteará e definirá todos os processos de interpretação relacionados à experiência.

Assim, para analisar os contrastes e as particularidades de “An Inconvenient Truth” e “Our Choice”, foram selecionadas quatro temáticas presentes nas duas mídias: emissões de carbono, energias renováveis, crescimento populacional e questões políticas. No documentário, esses temas são abordados ao longo de todo o filme. No livro digital, são abordados, respectivamente, nos capítulos 1 (“What goes up must come down”), 4 (“Harvesting the Wind”), 11 (“Populations”) e 16 (“Political obstacles”).

O critério inicial para a escolha foi a presença ou a ausência das temáticas em ambas as mídias estudadas: os assuntos mencionados em apenas uma das duas mídias foram descartados. Vale deixar claro, também, que a amostra composta por quatro capítulos assim se constituiu porque, entre esses capítulos selecionados, ocorre uma distinção de dois grupos: dois capítulos abordam, principalmente, questões técnicas, relacionadas a números, percentuais e invenções, enquanto os outros dois se concentram em questões relacionadas a temáticas sociopolíticas. Essa distinção se manifesta entre todos os capítulos do livro digital e está presente, também, no enredo do documentário, uma vez que, ora Al Gore se concentra em assuntos técnicos, ora discorre sobre questões pessoais e sociais.

Dessa forma, para um mapeamento dos conteúdos de cada capítulo de "Our Choice", todas as páginas dos capítulos selecionados foram capturadas por *print screen*, transformando-se, assim, em arquivos de imagens, sobre as quais repetidas leituras e anotações foram feitas, a partir de uma metodologia orientada pela proposta de Banks acerca do olhar narrativo diante do dado visual. Segundo esse autor,

a narrativa interna de uma fotografia, por exemplo, pode ser tratada com a simples questão: "Essa é uma fotografia de quê?" (resposta, de modo descritivo: um gato, uma mulher, um homem com um revólver; mas, mais interpretativamente, também: meu bichinho de estimação, minha esposa, um assassino). A narrativa externa é a história construída pela resposta de questões como: "Quem bateu essa foto?", "Quando ela foi batida?", "Por que ela foi batida?" (BANKS, 2009, p. 29).

Ao considerar cada tela do livro digital como uma fotografia, foi possível lançar sobre cada amostra questões similares às enumeradas por Banks. "O que esse gráfico representa?", "qual o direcionamento desse *link*?", "o que essa fotografia ilustra?", "qual a ligação desse vídeo com o texto verbal escrito?", "como ocorre a interatividade nessa animação?" *etc.*

Paralelamente, para analisar "An Inconvenient Truth", foi utilizado o *software* ELAN 4.7.3, que permite que sequências e cenas de mídias audiovisuais sejam analisadas individualmente e que o analista selecione os *frames* que interessam a suas análises. No ELAN trilhas podem ser criadas e cada uma funciona como uma espécie de etiqueta que separa as anotações. Para a análise de "An Inconvenient Truth", foram criadas duas trilhas: uma referente ao conteúdo temático e outra às linguagens, assim, a cada anotação realizada durante a execução do filme nesse

software, tornava-se possível separar as observações relacionadas aos conteúdos temáticos tratados por Al Gore das reflexões sobre as escolhas linguísticas do documentário.

Assim, esta pesquisa se caracteriza como qualitativa e interpretativista, cujos resultados são apresentados a seguir.

Análise dos objetos estudados

Apesar de inovador, “Our Choice” ainda se organiza a partir de sequências familiares ao público leitor, como, por exemplo, os capítulos. A estrutura do material é baseada em 21 capítulos, com 20 páginas cada, em média. Além disso, quando o aplicativo é aberto, é apresentada uma capa, que não exibe nenhuma outra informação além do título (“Our Choice”) e do nome do autor (“Al Gore”).

Posteriormente, encontra-se a tela da introdução, que apresenta a estrutura de navegação seguida em todo o restante do livro: uma tela principal com o título do capítulo, colocado sobre uma grande fotografia. Abaixo do título, existe um menu de navegação, que permite a mudança de um capítulo para o outro, diretamente, sem que seja preciso passar pelo conteúdo de cada capítulo específico. Sob desse menu, encontra-se, então, a relação de páginas, mostradas uma a uma, sendo possível passar rapidamente por várias delas sem acessá-las, como também selecionar uma página específica.

Todos os capítulos que compõem esse livro digital têm sua construção pautada em uma estrutura hipertextual e hipermodal, ou seja, na existência de *links*. Nessa estrutura,

links, que podem ser palavras, imagens, ícones etc., remetem o leitor a outros textos, permitindo percursos diferentes de leitura e de construção de sentidos a partir do que for acessado e, conseqüentemente, pressupõe certa autonomia de escolha dos textos a serem alcançados através dos links. É um texto que se atualiza ou se realiza, se concretiza, quando clicado, isto é, quando percorrido pela seleção de links (GOMES, 2011, p. 15).

Assim, a leitura de “Our Choice” é diretamente influenciada pelos *links*, os quais afirmam-se como “parte central e retórica do hipertexto” (GOMES, 2011, p. 29), que “funcionam como dêiticos, isto é, como indicadores, sendo chamados de endofóricos, quando levarem a documentos ou a partes do próprio documento, ou

exofóricos, quando abrirem textos que estão fora no documento de origem” (GOMES, 2011, p. 29). As possibilidades de combinações de *links* e as formas como podem ser colocados são inúmeras. Para o estudo de “Our Choice”, torna-se necessário compreender, como define Gomes (2011), o lugar de conexão e o tipo de percurso que oferece ao usuário.

O lugar de conexão “refere-se ao local onde o documento de destino está hospedado: no mesmo site ou em outro site” (GOMES, 2011, p. 36), e o tipo de percurso diz respeito a linearidade ou não linearidade que norteia a sequência dos *links* (GOMES, 2011). Em “Our Choice”, todos os *links* se situam dentro do próprio aplicativo, ou seja, nada possível de ser clicado direciona o leitor para algum documento externo ao aplicativo. Além disso, os *links* são lineares, pois, da forma como são dispostos, induzem uma leitura sequencial, não existem *links* que, ao serem acionados, levem o leitor para algum documento distante da página em que ele se encontra. Por fim, é possível classificar a estrutura hipertextual e hipermodal de “Our Choice” como uma cadeia fechada, uma vez que essa definição é atribuída a “todo o conteúdo [que] se encontra armazenado numa única unidade de armazenamento e não pode ser alterados” (GOMES, 2011, p. 46). Essa malha textual é composta, então, por uma mescla de formas híbridas, com padrões tradicionais - como os títulos, e marcas novas - como os *links*. Mas, nesse contexto, a tabela abaixo demonstra que os capítulos não se distinguem muito em relação à extensão ou às linguagens que contêm.

Tabela 1: Conteúdos e linguagens dos capítulos analisados

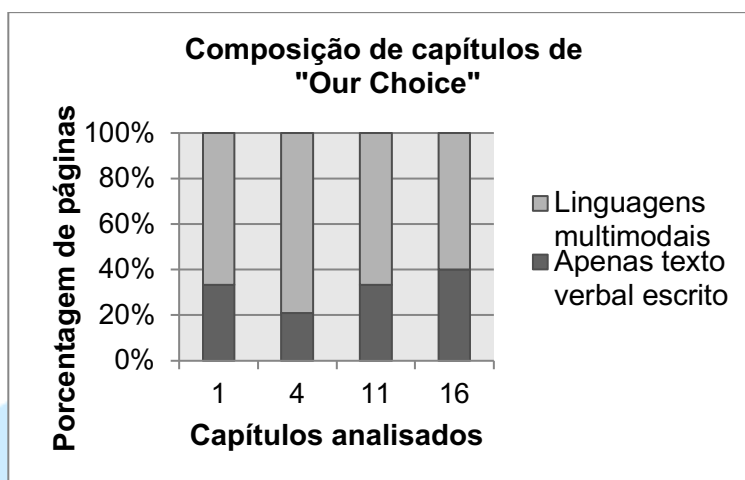
Capítulo	Categoria	Número de páginas	Recursos expressivos utilizados
1	Técnico	18	Fotografia, texto verbal escrito, gráfico interativo, mapa com GPS, vídeo, ilustração.
4	Técnico	19	Fotografia, texto verbal escrito, gráfico interativo, animação, texto verbal oral, vídeo, animação interativa, mapa com GPS.
11	Sociopolítico	24	Texto verbal escrito, gráfico interativo, vídeo, fotografia, texto verbal oral, mapa com GPS, mapa.

16	Sociopolítico	25	Fotografia, texto verbal escrito, texto verbal oral, ilustração, mapa com GPS, vídeo.
----	---------------	----	---

Fonte: Elaborado pela autora

Outra comparação importante é a proporção de páginas de cada capítulo que são exclusivamente construídas com textos verbais escritos, como ilustra o gráfico 1.

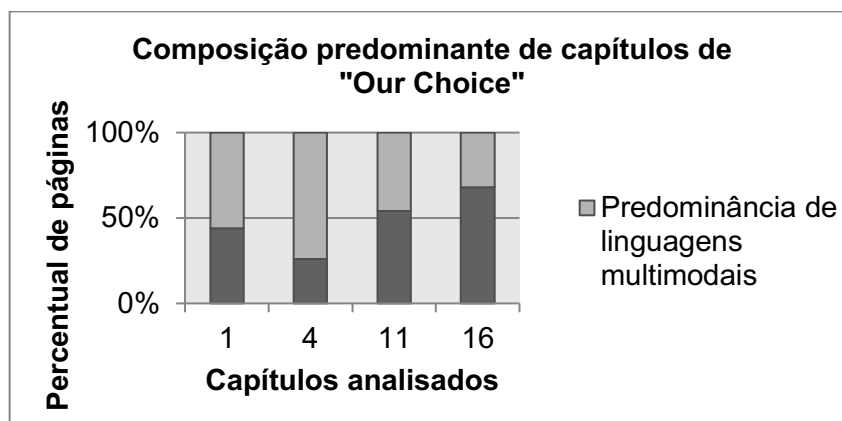
Gráfico 1 – Composição de capítulos de “Our Choice”



Fonte: Elaborado pela autora

Diante disso, percebe-se, primeiramente, que não ocorre uma divergência percentual entre os capítulos 1 e 11 em relação à quantidade de páginas que possuem apenas texto verbal escrito: ambos apresentam cerca de 33% de suas páginas com apenas um tipo de linguagem. O capítulo 4 tem aproximadamente apenas um quinto de suas páginas construídas com linguagem verbal escrita, enquanto o capítulo 16, por outro lado, é o que mais exibe páginas apenas com textos verbais escritos. Nas comparações em relação à predominância da linguagem verbal escrita, pode-se observar que o capítulo 4 também é o que menos manifesta esse fator, enquanto o capítulo 16 demonstra, percentualmente, um predomínio de textos verbais escritos em quase 70% de suas páginas.

Agora, considerando as páginas multimodais nas quais os textos verbais fazem parte dos recursos expressivos juntamente com outras linguagens, a disposição de uso das diferentes modalidades se distribui da forma apresentada no gráfico 2:

Gráfico 2 – Composição predominante dos capítulos de “Our Choice”

Fonte: Elaborado pela autora

Os gráficos apontam para uma importante conclusão: nos capítulos 1 e 4, cujos assuntos envolvem questões científicas, dados técnicos, números e porcentagens, há uma mescla de linguagens mais significativa. Já nos capítulos 11 e 16, em que são discutidos temas de ordem sociopolítica, prevalecem os textos verbais escritos. No capítulo 11, esse tipo de linguagem foi presente em mais de 50% do conteúdo e, no capítulo 16, em quase 70%. Começa-se a notar, então, que a produção atribuiu mais animações e linguagens interativas às temáticas técnicas, deixando as temáticas mais narrativas centradas na escrita verbal tradicional.

Essas análises são fundamentais para que “Our Choice” não seja visto como um material homogêneo; é necessário considerar que, dentro de um único aplicativo, existem diferentes construções de sentido, e que a multimodalidade, embora presente em mais de 67% das páginas dos capítulos aqui analisados, nem sempre foi o caminho privilegiado no processo de produção textual.

Considerando esses dados, passamos agora à análise de conteúdo de “An Inconvenient Truth”. Para maior compreensão das linguagens presentes em cada sequência dos temas analisados, a tabela 2 detalha as anotações realizadas no ELAN, as quais se referem aos elementos que integram a multimodalidade nesses trechos do documentário e às características de apresentação desses conteúdos.

Tabela 2 – Anotações dos trechos selecionados do documentário

Temática	Intervalo de tempo	Recursos expressivos utilizados
Aquecimento global	0:08:26 até 0:24:51	Texto verbal oral, animação gráfica, texto verbal escrito, fotos de queimadas, animação audiovisual (humorística), gráficos, fotos comparativas de locais do mundo. História do amigo que mede níveis pelo gelo. Longa narração explicativa de Al Gore sobre florestas.
Questões políticas	0:24:52 até 0:27:15	Texto verbal oral, fotos antigas do Congresso dos EUA e da trajetória política de Al Gore, vídeos de discursos de Al Gore (sem som), fotos de capas de jornais. Mistura na narração oral a história do atropelamento do filho com história das barreiras encontradas no Congresso.
	0:34:15 até 0:36:40	Texto verbal oral, vídeos de viagens de Al Gore (sem som), vídeos de trechos de noticiários da época das eleições (com som original), fotos das eleições, mapa dos EUA, vídeos com imagens curtas de várias personalidades políticas dos EUA (com trilha sonora instrumental), texto verbal oral (discurso de Al Gore reconhecendo a derrota – sem imagem do discurso, apenas voz), texto verbal oral (discurso de vitória de Bush – sem imagem do discurso), vídeos de palestras antigas.
Populações	1:01:14 até 1:06:23	Texto verbal oral (narração), vídeo com cenas da China (sem som, pois a narração está sobreposta), vídeo de reuniões e palestras na China (com áudio original dos eventos), gráficos (nascimentos, demanda de água, demanda de comida – todos passam muito rápido na tela, porém, são explicados na narração), fotos de lugares, mapa, fotos de laboratórios tecnológicos.
Energias renováveis	1:18:30 até 1:23:30	Texto verbal oral (narração), vídeo com cenas de usinas de energias renováveis (sem som, pois a narração está sobreposta), gráficos, mapa.

Fonte: Elaborado pela autora

Essa descrição caracteriza um material de natureza audiovisual, no qual as cenas são constituídas por fotografias, gráficos, narrações orais, trilhas sonoras,

textos verbais escritos, entre outros. É importante perceber que, em todos os trechos, há uma integração grande de muitos recursos expressivos. Em nenhuma sequência descrita prevalecem apenas uma ou duas linguagens. Em todos os recortes analisados, uma proliferação de diferentes linguagens é responsável pela construção de sentidos. Além disso, a tabela possibilita entender que, em todas as sequências, uma linguagem complementa algum sentido conferido por outra, como, por exemplo, os trechos em que fotografias ou vídeos sem seus sons originais são exibidos e a narração de Al Gore é sobreposta a essas imagens. Nesse sentido, fica claro que a integração de linguagens em um texto multimodal multiplica e complexifica sentidos, como determinado por Lemke (2002) e Braga (2010).

Vale notar também que, em uma mídia audiovisual como o documentário analisado, alguns cortes segmentam sequências temáticas ou inserem discussões intercaladas, como se pode notar na sequência sobre aquecimento global, em que há intercalações entre a história do amigo que mede níveis de gelo e as explicações sobre florestas; na primeira sequência sobre questões políticas, também ocorre uma oscilação entre a história do atropelamento do filho e as barreiras políticas do Congresso; ou, ainda, existe o próprio intervalo de sete minutos entre a primeira e a segunda sequência sobre questões políticas.

Os gráficos e as tabelas apresentados refletem a intensa presença da multimodalidade tanto em "Our Choice" quanto em "An inconvenient truth". Tanto no livro digital quanto no documentário os temas são abordados a partir da grande presença de imagens, além de gráficos, vídeos e textos verbais – escritos e orais. Todavia, a presença de múltiplas linguagens não garante que os temas sejam abordados da mesma maneira. Os *affordances* de cada mídia acarretam distintos tipos de autoria, o que faz com que a organização dos conteúdos seja diferente em cada mídia.

Tanto em "An Inconvenient Truth" quanto em "Our Choice", o aquecimento global é o primeiro tema apresentado, com foco nos efeitos da incidência dos raios solares sobre o planeta Terra. Esse tema possui interessantes divergências em suas abordagens.

No livro digital, o capítulo 1 apresenta textos verbais escritos e imagens, mas os principais elementos do capítulo são os dois gráficos interativos, que possibilitam ao leitor acompanhar informações ao interagir com os elementos dos gráficos

disponibilizados na tela. O primeiro gráfico ilustra os percentuais de diversos gases emitidos por diferentes setores da sociedade e das indústrias produtivas e exige que o leitor navegue por seus recursos para que as informações sejam exibidas; sem a interação, o gráfico permanece estático e inalterado e, se ativado, oferece dados percentuais adicionais. O segundo gráfico funciona da mesma maneira: exige a interação para que os conteúdos se revelem, porém, demonstra menos informações numéricas que o primeiro e abre pequenas janelas de texto que explicam mais detalhadamente as variações ambientais apresentadas visualmente no gráfico.

Já no documentário, embora também existam gráficos, é muito difícil entender seus números e seus dados, uma vez que as fontes dos textos verbais escritos que acompanham esses gráficos são pequenas e o tempo em que eles permanecem focados na tela não é grande o suficiente para que todos os detalhes sejam assimilados. Por outro lado, o documentário conta com um fator ausente no livro digital: a narração explicativa de Al Gore sobreposta aos gráficos. Enquanto os gráficos e dados vão sendo exibidos no documentário, Al Gore explica, oralmente, o que está sendo apresentado. Essa narração não é tão aprofundada em questões temáticas quanto os textos verbais escritos trazidos no Capítulo 1 de “Our Choice”, porém, cumpre com uma função explicativa.

Em “Our Choice”, o capítulo 1 é focado em apresentar cientificamente o problema, por meio dos dados apresentados ao leitor. Já em “An Inconvenient Truth”, uma outra estratégia de apresentação do problema é inserida: o humor. Por meio de uma animação cômica, em que uma garotinha chora ao ver seu sorvete derretendo, o aquecimento global é apresentado. Outra diferença pode ser notada no tópico do derretimento do gelo: no livro digital, a incidência dos raios solares sobre o gelo é um dos elementos do segundo gráfico interativo, enquanto, no documentário, a questão é abordada a partir da história de um amigo de Al Gore que realiza medições em placas de gelo na Antártida.

O assunto das energias limpas é, dentro das temáticas analisadas, o que mais expressa a relação de complementação proposta por Briggs e Burke (2004), uma vez que, em “An Inconvenient Truth”, não há uma abordagem aprofundada do funcionamento das chamadas “energias limpas”. Esse tema é abordado apenas no final do documentário, como uma possibilidade entre as mudanças de comportamento que Al Gore defende. Essa apresentação no documentário ocorre apenas por meio

de fotografias e vídeos de usinas apresentados sem fundo sonoro, de maneira breve. Já no livro digital, o tema é abordado de forma densa. Após o primeiro capítulo, existe uma sequência de outros capítulos dedicados às energias alternativas, como a solar, a eólica e a geotermal. Então, um tema que é abordado de forma mais superficial no documentário, no livro digital, é explorado com maior aprofundamento.

Além disso, o capítulo 4 representou grande parte das divulgações publicitárias de “Our Choice”, devido à presença de muitas linguagens interativas. “Harvesting the wind” é construído a partir de um gráfico interativo que apresenta números relacionados à produção de energia eólica em diversos países, um mapa interativo que retrata o potencial energético de cada estado norte-americano, um vídeo com uma entrevista realizada com um proprietário de uma fazenda eólica, um vídeo com uma entrevista de um jovem africano que começou a produzir turbinas caseiras, uma animação que explica o funcionamento de uma turbina movida à vento, fotografias, textos verbais orais, textos verbais escritos e uma espécie de jogo no qual o leitor deve assoprar o microfone do suporte utilizado para mover a turbina eólica, cuja energia abastecerá uma casa.

O tema do crescimento populacional no documentário é abordado principalmente por meio de imagens e vídeos. A sequência se inicia retratando uma viagem de Al Gore à China, o país mais populoso do mundo. Juntamente com a narração oral, cenas de grandes centros urbanos com intenso trânsito de automóveis e pessoas são exibidas. Al Gore apresenta, então, gráficos que refletem o crescimento populacional no mundo e estabelece relações entre o contingente populacional e as demandas de água e de alimentos.

O gráfico exibido no documentário é bastante semelhante ao que compõe o capítulo 11 do livro digital. Entretanto, em “An Inconvenient Truth”, não se pode prestar tanta atenção no gráfico e em seus detalhes, pois o conteúdo é exibido ao mesmo tempo em que a narração de Al Gore e as fotografias. Em “Our Choice”, por outro lado, quando acionado pelo leitor, o gráfico ocupa uma tela cheia, na qual a interatividade é novamente exigida para que o conteúdo do gráfico possa ser expandido. Conforme o leitor arrasta o gráfico, os números referentes às datas e à população mundial são apresentados. Depois de certo ponto, torna-se possível ativar na tela, também, a exibição de uma comparação entre o crescimento populacional e o aumento das emissões de carbono.

No livro digital, as questões políticas são apresentadas por mais de 20 segmentos de textos verbais escritos, fotografias de políticos em reuniões, mapas com geolocalização, ilustrações, relatos curtos em áudio e um vídeo. Pode-se notar que a maior parte das informações sobre o tema desse capítulo é veiculada pelos textos verbais escritos. Os conteúdos baseados nesses textos ocupam, inclusive, mais páginas do que os conteúdos materializados por outras linguagens, conforme os gráficos anteriormente apresentados já ilustraram, e esses textos discutem, principalmente, problemas de ordem estrutural que dificultam a implementação de soluções para o aquecimento global.

Já no documentário, as questões políticas não são abordadas em uma única sequência, o tema é inserido de forma intercalada em meio a outras discussões. Em “An Inconvenient Truth”, as questões e problemas aparecem atrelados às passagens da vida pessoal de Al Gore. Parece ter sido previsto no roteiro que, na edição do vídeo, as cenas seriam mescladas, fazendo-as parecer simultâneas. Recortes desses temas pessoais são inseridos ao longo de sequências relativas a outros assuntos pertinentes ao tema. Isso promove uma organização das sequências que não é totalmente linear, como se houvesse dois roteiros paralelos sendo projetados de forma intercalada entre si: a sequência sobre um tema ambiental é rodada, há um corte, e se insere uma sequência sobre a vida pessoal de Al Gore, um novo corte retoma a sequência do tema ambiental e assim por diante.

Esse modelo de organização das sequências auxilia na dramaticidade atribuída às questões pessoais apresentadas, entre as quais está a derrota política sofrida por Al Gore nas eleições de 2000. Essa abordagem parece ter sido realizada com intuito de fazer o público sentir alguma identificação com o protagonista e, também, de construir um esquema interpretativo que deixa implícita a ideia de que, se Al Gore tivesse vencido, todos aqueles problemas ambientais poderiam ser amenizados, pois, segundo o documentário, a sustentabilidade sempre foi um dos focos do candidato. Na construção dessas cenas, aparecem fotografias de campanha, vídeos sem áudio de políticos discursando, vídeos com áudio dos discursos de Bush, trechos de reportagens e noticiários antigos, fotografias de manchetes de jornais, vídeos de pessoas indo às urnas e, sobretudo, a narração verbal oral de Al Gore, que relata e comenta as cenas e imagens apresentadas.

Outras abordagens sobre questões políticas estão presentes no documentário, contudo, aparecem de forma significativamente mais breve, como uma cena em que Al Gore critica os Estados Unidos por não assinarem o Protocolo de Kyoto, a qual é constituída pela narração verbal oral e por tabelas que enumeram os países signatários, que, embora ilegíveis para o espectador, têm efeito de conferir veracidade às falas do protagonista.

Assim, ainda que “An Inconvenient Truth” faça essas breves críticas ao governo, as questões políticas no documentário são predominantemente relacionadas à vida de Al Gore, e não à política em geral. Esse direcionamento de abordagem é perceptível tanto devido ao tempo dedicado às sequências, quanto pela forma como as cenas são construídas. Aquelas referentes à derrota e à trajetória de Al Gore, além de ocuparem sequências maiores, foram dramaticamente enfatizadas, enquanto as que se referem a condições estruturais e econômicas mais amplas têm uma duração menor e exploram menos recursos de edição.

Todavia, quando os conteúdos são remidiados e vão para o livro digital, há uma inversão dessa abordagem. O capítulo 16, “Political obstacles”, é fiel a seu título e, de fato, discute o entrave entre as limitações políticas e as ações ambientais entendidas como necessárias. Mas, diferentemente do documentário, no qual essa discussão é permeada pela história da vida pessoal e política de Al Gore, em “Our Choice”, esses elementos são excluídos e o capítulo não contempla essas narrativas. O capítulo 16 é construído, fundamentalmente, de textos verbais escritos que explicam projetos de lei, votações e interesses comerciais.

Após essas análises contrastivas, pode-se observar o quanto os conteúdos se alteram quando migram de uma mídia para outra. Em relação às formas expressivas, no caso das duas mídias aqui analisadas, a migração foi diretamente influenciada pelos *affordances* do livro digital, que permitem a interatividade do leitor. Como se pode perceber em relação aos gráficos interativos de “Our Choice”, por exemplo, as animações e os gráficos apresentados em “An Inconvenient Truth” sofreram ajustes para se adequarem aos limites, às possibilidades e às exigências do livro digital.

É possível concluir, também, que, no documentário, a mescla de linguagens é mais constante, isto é, em todas as sequências analisadas, houve uma grande concentração de recursos expressivos distintos que constituem os sentidos das cenas

e dos conteúdos pretendidos, enquanto, no livro digital, conforme ilustram os gráficos apresentados, existem capítulos e páginas com maior ou menor mescla de linguagens diferentes.

Além disso, em "An Inconvenient Truth", discussões sociopolíticas foram abordadas por meio de narrações verbais orais, articuladas com vídeos, sons e fotografias, de modo a atribuir uma carga pessoal e dramática às cenas. Já em "Our Choice", essas questões foram substituídas por textos verbais escritos longos e explicativos a respeito do tema. Por outro lado, "Our Choice" consegue abordar a questão dos dados numéricos e de alternativas técnicas de forma mais completa que o documentário, uma vez que o livro digital propicia a seus leitores recursos exploratórios e interativos a respeito dessas questões, enquanto o documentário se limita à rápida exibição de dados quase ilegíveis na tela do espectador.

Desse modo, parece possível concluir que, para discutir informações mais centradas em percentuais, cálculos numéricos ou detalhes de engenharia, "Our Choice" oferece conteúdos e recursos mais atraentes a seus leitores, como gráficos e jogos interativos, e, também, mais eficazes diante da finalidade de formar e informar a respeito do tema, já que apresentam detalhes mais precisos. Todavia, o documentário parece mais eficaz ao tratar de temas sociopolíticos, pois exhibe recursos linguísticos diversos e integrados e explora os cortes nas edições de modo a produzir efeitos discursivos significativos, enquanto, no livro digital, essas questões são abordadas, principalmente, apenas por meio de textos verbais escritos.

No entanto, as duas mídias analisadas têm como ponto comum o paradoxo da remediação. Em "Our Choice", a hipermídiação aparece na aposta na interatividade do leitor com as ferramentas dispostas na plataforma como caminho para tornar a experiência mais real e autêntica, portanto, imediata. Já em "An Inconvenient Truth", a hipermídiação é notada nos recursos de edição e de linguagem - como as integrações de trilha sonora, fotografias pessoais e relatos de vida do protagonista, que são utilizados na tentativa de aproximar o espectador daquela experiência audiovisual e proporcionar, assim, uma experiência imediata.

Considerações finais

As discussões apresentadas dialogam com a complexidade das relações estabelecidas entre as mídias, bem como com os processos e especificidades

inerentes a essas relações. Em síntese, as relações de coexistência e complementação existentes no sistema de mídias possibilitam reflexões amplas, como a respeito do processo de remediação, seu paradoxo de imediação e hipermídiação e as linguagens multi e hipermodais que configuram essas transições.

Assim, uma das principais conclusões deste estudo diz respeito à necessidade de se considerar que nem todos os temas se ajustam da mesma forma e são expressos com a mesma eficácia pelas linguagens multi ou hipermodais. Determinados temas, por suas particularidades, podem ser melhor formulados quando baseados em produções multimodais, enquanto outros podem ser beneficiados por estruturas hipermodais. No caso dos objetos aqui analisados, o documentário, que possuía forte apelo pessoal e narrativo, teve esse fator evidenciado por uma estrutura multimodal de uma mídia audiovisual. Já o livro digital, mais abrangente em relação aos dados técnicos e numéricos, encontrou na interatividade da hipermídia aspectos que favoreceram esses conteúdos. Ademais, confirma-se que as mídias, de fato, não precisam necessariamente competir, uma vez que “An Inconvenient Truth” e “Our Choice” não estabeleceram uma relação de oposição ou disputa, uma vez que as análises apontam para uma efetiva complementação de conteúdos possibilitada por essa coexistência.

Referências

BANKS, M. **Dados visuais para pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2009.

BOLTER, J; GRUSIN, R. **Remediation: Understanding new media**. Cambridge, MA: MIT Press, 2000.

BRAGA, D. A comunicação interativa em ambiente hipermídia: as vantagens da hipermodalidade para o aprendizado no meio digital. *In*: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido**. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. **Ambientes digitais: reflexões teóricas e práticas**. São Paulo: Cortez Editora, 2013.

BRIGGS, A.; BURKE, P. **Uma história social da mídia: De Gutenberg à Internet**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2004.

CHARTIER, R. **A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun**. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

GOMES, L F. **Hipertexto no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

GORE, A. **Our Choice**. Produced by Melcher Media Inc., Powered by Push Pop Press, Published by Rodale Inc., EUA. Livro digital. 2009.

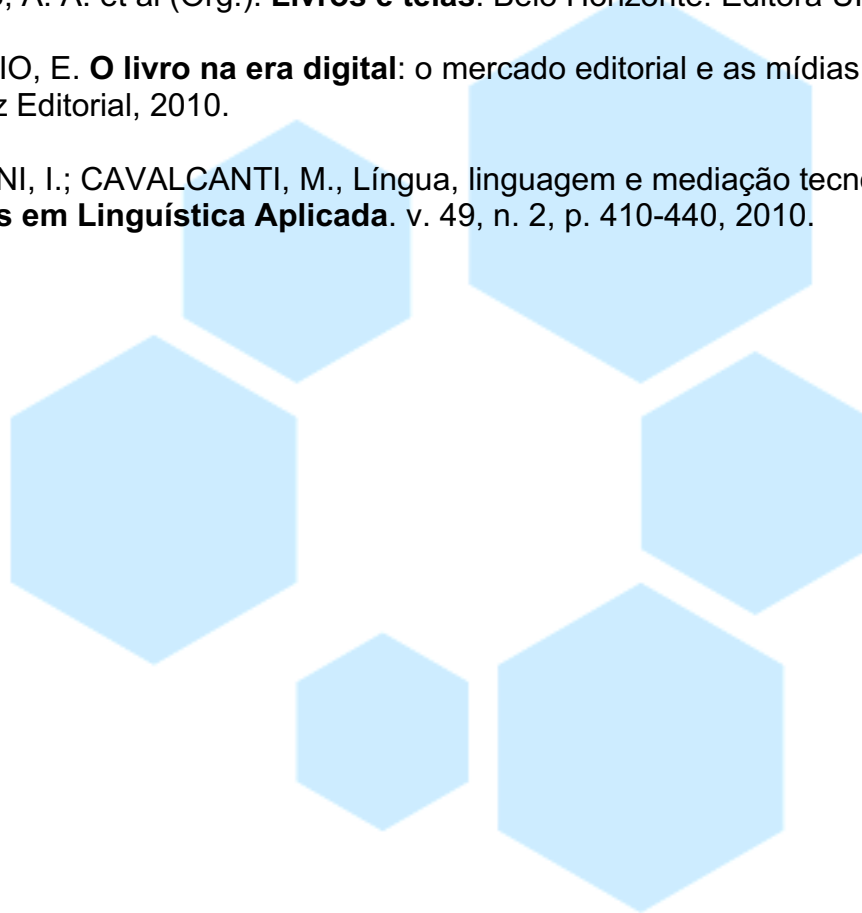
LEMKE, J. Letramento metamidiático: transformando significados e mídias. **Trabalhos em Linguística Aplicada**. v. 49, n. 2, p. 455-479, 2010.

_____. Travels in Hypermodality. **Visual Communication**. v. 1, n. 3, p. 299-325, 2002.

MARTINS, A.; MACHADO, M. Z. A literatura e a versatilidade dos leitores. In: MARTINS, A. A. et al (Org.). **Livros e telas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

PROCÓPIO, E. **O livro na era digital: o mercado editorial e as mídias digitais**. São Paulo: Giz Editorial, 2010.

SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M., Língua, linguagem e mediação tecnológica. **Trabalhos em Linguística Aplicada**. v. 49, n. 2, p. 410-440, 2010.



Recebido em 09 de março de 2020
Aprovado em 15 de abril de 2020